

Proyectos enganadores

J. Roberto Whitaker Penteado

Realmente, com tantos problemas prementes a resolver, não precisaríamos de mais esse. Mas há um novo tipo de desonestidade no mercado.

Cidadãos de meia-idade, homens e mulheres, até então respeitáveis profissionais, todos em cargo de alta chefia ou média gerência, pais ou mães de família, às vezes avós, pagadores de impostos, cumpridores de seus deveres sociais, civis e, às vezes, militares, religiosos, freqüentadores de templos e igrejas, incapazes ou pelo menos relutantes de mentir ou mesmo faltar à verdade por omissão ou simples comodidade, tornaram-se mentirosos contumazes e o que é pior reincidentes.

Refiro-me ao número cada vez maior de pessoas nossos conhecidos, amigos e parentes que mentem que usam, religiosamente, computador e internet e nem chegam perto do equipamento. Em geral, você descobre quem são. E fica arrasado, pois, às vezes, trata-se de um dos seus melhores amigos, um parente próximo, seu pai ou seu irmão...

A síndrome está-se alastrando, à medida que se vai tornando, a nós que praticamos a internautica como dever e hábito cotidianos, quase impossível manter relações sociais e profissionais de outra maneira que não seja via computador e e-mails.

As vezes eu tento o telefone. Lembra-me de como era na Iugoslávia, na época do comunismo, ou no Brasil dos anos 60. Os telefones, hoje, dão linha, mas ligam para números indesejáveis e deflagram vozes femininas gravadas que informam que aquele número que V. discou não existe, está ocupado ou não aceita chamadas a cobrar, embora V. não tenha discado o "9" antes. Quando as ligações se completam, em geral as pessoas que V. procura não estão, já saíram ou ainda não chegaram, ou não querem ou não podem falar com V., porque estão em reunião" ou ocupadas numa outra linha (por que não lhe deram o número?). Deixar recado, quando o transmitem, apenas passa o aborrecimento para o outro lado e a comunicação não se completa.

Já o e-mail é outra coisa. Uma delícia, discreto, civilizado. A qualquer hora do dia ou da noite, V. pode mandar a sua mensagem instantânea para quem V. quiser, tendo quase 100% de certeza de que será lido. É claro que seu interlocutor pode escolher, democraticamente, não responder. Como V. também pode fazer a mesma coisa. Há muita gente que usa internet para distribuir mensagens e tentar resolver seus problemas de carência afetiva. (Mesmo assim, muitas vezes, no meio do "spam", chegam informações interessantes) Tenho certeza de que se mandar um e-mail ao presidente FHC que não é meu amigo pessoal dificilmente chegará ao destino. Mas são exceções. Em geral, quando se obtém o e-mail de alguém, trata-se de canal de comunicação fidedigno e direto.

Voltando aos modernos enganadores. Cada vez mais é difícil V. manter contato permanente ou mesmo freqüente com quem não está conectado à Rede. Sabemos que se trata de um segmento de consumidores bem-identificado nos livros de marketing. Para Kotler, são os consumidores "pessimistas", mais velhos, geralmente em cargos de direção, que não tocam em seus computadores, no trabalho, deixando isso nas mãos de secretárias ou assistentes mais jovens. Em casa, são os "filhos" ou "netos" que "lidam com o computador". Mas que, mesmo assim, têm seus e-mails que de pouco servem, pois V. acaba ficando na mão desses assistentes, filhos e netos. Mas o pior é que o seu potencial interlocutor não recebe o seu e-mail, mas uma pobre folha de papel, impressa em caracteres miúdos, que dificilmente vai suscitar qualquer reação séria, o que dizer de uma resposta?

Eles se denunciam de duas maneiras: a mais comum é não terem de cóp os seus endereços eletrônicos; a segunda é que, quando sabem seus e-mails, confessam quase imediatamente o lôgro, assim que V. faz qualquer pergunta remotamente técnica. "Sabe, é minha secretária minha filha que abre, que opera..."

Acho isso uma grande pena. Em primeiro lugar, porque vocês, amigos queridos, que escolheram permanecer no século retrasado, não sabem o que estão perdendo: como é divertido trabalhar e socializar por e-mail. E, em segundo, porque quase certamente irão sendo, aos poucos, esquecidos, esquecidos, esquecidos até ninguém mais se lembrar de vocês...

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=465&ID=13>>.
Acesso em: 23 jul. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais